

INOVAÇÃO

Mercado da saúde digital cresce, mas tem desafios

Setor avança com IA médica e plataformas preditivas, enquanto poder público tenta equilibrar inovação, segurança e sustentabilidade

Gabriel Margonar
gabrielm@jcrs.com.br

A Inteligência Artificial deixou de ser promessa para se tornar parte do dia a dia da medicina brasileira - e o mercado de saúde digital começa a se consolidar como um dos mais dinâmicos da economia. Startups, cooperativas médicas e o próprio poder público correm para ocupar esse novo território, em que algoritmos ajudam a prever doenças, reduzir custos e aumentar a segurança de pacientes. Mas o avanço traz dilemas: falta integração entre sistemas, a regulação ainda é incipiente e a proteção dos dados sensíveis impõe novos limites à inovação.

Um dos nomes mais antigos da transformação digital na área médica é a Anestech Innovation Rising, fundada em Florianópolis (SC), em 2012. O anestesista Diógenes Silva, CEO da empresa, fez parte da primeira geração de healthtechs do País.

“A inovação em saúde exige suor. O anestesista é o médico que mais coleta dados dentro de um hospital, mas ainda usa papel e caneta. É preciso transformar essa informação em inteligência para melhorar desfechos e sustentabilidade econômica”, diz.

Com plataformas que registram e analisam dados de cirurgias em tempo real, a Anestech tornou-se referência em adoção digital na anestesiologia. O sistema consegue prever eventos críticos, como quedas de pressão arterial, com até 20 minutos de antecedência. “Uma pilha de dados conta uma história; uma pilha de histórias mostra o futuro”, resume Silva.

A empresa agora avança em modelos capazes de cruzar dados clínicos e genéticos para personalizar condutas - e reforça um ponto essencial: “A IA permite equilibrar qualidade assistencial e sustentabilidade. O desafio não é a regulação, é o financiamento. Ainda são os próprios médicos que pagam pelo software em muitos hospitais”.

No setor privado, a digitalização virou estratégia de negócio. A Unimed Porto Alegre, uma das maiores operadoras de saúde do País, investe em machine learning (aprendizado de máquina, na tradução literal) para

cuidar de seus mais de 665 mil clientes. O superintendente-geral Marcelo Hartmann afirma que a tecnologia já está integrada a diferentes etapas do cuidado.

“O programa Viver Bem Juntos usa algoritmos que analisam o perfil e os hábitos de vida do cliente para criar trilhas de cuidado personalizadas. Também desenvolvemos 28 modelos preditivos que avaliam custo e risco assistencial, com assertividade entre 75% e 95%”, diz.

Essas ferramentas, segundo ele, ajudam a antecipar doenças crônicas e direcionar ações preventivas, reduzindo hospitalizações. A cooperativa ainda aplica IA em canais de atendimento, como chatbots e triagens digitais, além de processos administrativos.

O maior entrave, segundo Hartmann, é a integração de dados. “As informações ainda estão muito fragmentadas entre operadoras e hospitais. Para a IA gerar valor real, é preciso interoperabilidade e governança. E isso precisa acontecer com ética, privacidade e visão de longo prazo”, analisa.

O poder público também avança no tema. A Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão do Rio



Marcelo Hartmann, da Unimed POA, diz que a tecnologia já está integrada

Grande do Sul (SPGG-RS) tem conduzido uma política de transformação digital que usa IA para aproximar o Estado dos cidadãos. A plataforma Meu rs.gov.br personaliza serviços com base no perfil do usuário, e a assistente virtual GurlA orienta sobre vacinação, prevenção e acesso a políticas de saúde. “Vivemos a era pós-digital, em que decisões e automações ocorrem em tempo real. A base é a governança de dados e o uso ético das informações”, afirma a SPGG, em nota.

O Estado prepara também a Plataforma Estadual de Dados, que integra fontes antes dispersas, criando um ambiente único para o desenvolvimento de soluções baseadas em IA. “Nosso objetivo é garantir que nenhuma recomendação apoiada por tecnologia afaste a responsabilidade humana”, destaca a secretaria.

O pano de fundo é um mercado em expansão. Segundo a Distrito Healthtech Report, o Brasil tem mais de 1.200 startups de tecnologia em saúde (as healthtechs), e cerca de um terço delas já utiliza IA em algum nível. A digitalização hospitalar cresce, impulsionada por grandes grupos privados, cooperativas e programas públicos de regulação inteligente. Mas o ritmo ainda é desigual: a burocracia, a escassez de investimentos e a falta de interoperabilidade entre plataformas travam o avanço em larga escala.

O consenso entre gestores e empreendedores é que o próximo salto depende menos da tecnologia e mais de infraestrutura e cultura. “A saúde é o setor mais atrasado em maturidade digital no Brasil. Exige validações, certificações e alto custo de entrada, mas o movimento é irreversível”, conclui Silva, da Anestech.

SAÚDE DIGITAL

‘Metade humano, metade digital’: especialista projeta como será o médico do amanhã

Gabriel Margonar
gabrielm@jcrs.com.br

Pioneiro da telemedicina no Brasil, o professor Chao Lung Wen, chefe da Disciplina de Telessaúde da Universidade de São Paulo (USP), enxerga a Inteligência Artificial (IA) como o motor da maior revolução da história médica. Em entrevista ao Jornal do Comércio, ele fala sobre a medicina de precisão, os hospitais inteligentes e o profissional híbrido que surge dessa nova era.

Jornal do Comércio – Quais as principais transformações que a IA deve trazer à medicina?

Chao Lung Wen – A grande revolução será a medicina de precisão e personalizada. A IA permite cruzar dados genômicos, clínicos e laboratoriais para criar retratos completos dos pacientes, oferecendo tratamentos sob medida. Também inaugura a era da medicina preditiva, capaz de antecipar riscos e prever doenças. Outro avanço é a IA com corpo físico: robôs assistenciais e cirúrgicos, como

já ocorre na China, onde há hospitais totalmente automatizados. Em breve, teremos centros cirúrgicos inteligentes e casas equipadas com sensores de monitoramento contínuo, consolidando a chamada “saúde distribuída”. O cuidado deixará de ser exclusivo de hospitais e passará a acontecer em casa. Estamos, portanto, diante de um novo ecossistema de cuidado que redefine a relação entre médico, paciente e ambiente.

JC – A tecnologia pode tornar a medicina mais humana?

Chao – Sim, desde que seja usada com propósito. Defendo o conceito de inteligência ampliada - o uso da IA para potencializar o raciocínio e o conhecimento humano. O termo “Inteligência Artificial” já é ultrapassado: ela não pensa nem sente; apenas replica comportamentos com base em dados. Se for bem aplicada, a IA nos tornará mais humanos. Um exemplo simples é a transcrição automatizada de prontuários: o médico fala, o sistema registra e resume. Isso devolve o olhar e o diálogo com o paciente.

JC – A formação médica está acompanhando essa mudança?

Chao – As novas Diretrizes Curriculares Nacionais, homologadas em agosto, já incluem temas como telemedicina, IA, big data e machine learning. É uma virada de paradigma. O médico do futuro precisa aprender a raciocinar em diálogo com a máquina. Nas minhas aulas, uso debates entre alunos e IA generativa para estimular o pensamento clínico. Mesmo que o estudante não utilize a tecnologia diretamente, aprende a formular hipóteses com mais agilidade. Nos hospitais, o impacto já é visível. No InCor, por exemplo, temos UTIs conectadas, onde a IA monitora sinais vitais e aciona alertas automáticos. Há algoritmos que identificam sepse até um dia antes dos sintomas. A IA deve ser ensinada como ferramenta de raciocínio, gestão e empatia.

JC – Qual o papel da telemedicina e dos prontuários eletrônicos inteligentes nesse processo todo?

Chao – Essencial. O sistema de saúde não suportará o aumento de



Chao Lung Wen é pioneiro na telemedicina no Brasil

idosos e portadores de doenças crônicas sem o apoio de IA e telemedicina. Até 2030, teremos uma população mais dependente de acompanhamento contínuo e o modelo presencial se tornará insustentável. Com biossensores e dispositivos vestíveis, é possível

monitorar pacientes em tempo real e agir antes das complicações. Isso reduz internações e custos. Se o Brasil não migrar para esse modelo, pode gastar até 20% do PIB com doenças até 2035 - o dobro de países ricos.

JC – E o que vem pela frente?

Chao – O Brasil já começa a entrar na era dos hospitais inteligentes. O Banco dos Brics financiou um hospital desse tipo na USP, e há planos para outro em Porto Alegre. Veremos também a expansão dos dispositivos vestíveis e da internet das coisas (IoT) médicas. O desafio é produzir esses equipamentos aqui e criar data centers robustos para armazenar os dados. O médico do amanhã será um profissional híbrido - metade humano, metade digital. Mais do que decorar informações, precisará investigar, interpretar e manter o essencial: a capacidade de cuidar com empatia. Acredito que a atual geração verá robôs realistas e realidade aumentada integrados à rotina médica. Mas, no fim, o propósito continua o mesmo: cuidar de pessoas.